

MALBA TAHAN: MUITO ALÉM DO PSEUDÔNIMO

Pedro Paulo Salles, ECA/USP, ppsalles@usp.br¹

Andre Pereira Neto, ENSP/FIOCRUZ, andreperreirane@gmail.com²

Julio cria Salomão IV

Julio Cesar de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro (6/5/1895), mas passou sua infância na cidade de Queluz, às margens do Rio Paraíba. Seus pais, João de Deus de Mello e Souza (08/03/1863 – 09/03/1911) e Carolina Carlos de Toledo (04/11/1866 – 01/06/1925), conhecida como Dona Sinhá, eram professores nesta cidade. Dona Sinhá, vinda de Silveiras, tornou-se professora primária aos 17 anos, assumindo a regência da escola provincial de Queluz para meninas. Suas aulas aconteciam na sala de sua própria casa, onde se reuniam todas as classes do primário. Foi nesse ambiente caseiro e ao mesmo tempo educacional que Julio obteve sua formação primária. Ele ajudava sua mãe nas atividades didáticas, apagando a lousa, distribuindo cadernos e contando histórias para as crianças menores. Deste modo, a prática docente e a literatura estiveram presentes em sua vida desde os tempos de criança.

Julio teve oito irmãos. A família Mello e Souza era, portanto, numerosa. Naquela época, as dificuldades financeiras para mantê-la não eram pequenas. Por essa razão, Julio levava uma vida simples. Com esforço e com muito estudo (e com a ajuda de seu irmão mais velho, João Batista), Julio conseguiu ser aprovado no exame de *admissão*. Assim, aos 11 anos de idade, mudou-se para a capital da República, passando a residir como estudante interno no Colégio Militar (1906), onde permaneceu por três anos.

O pendor pela vida literária e o interesse pela mistificação literária apareceram cedo naquela criança do interior. Com apenas 12 anos, Julio produziu sua primeira obra literária: a revista ERRE! Nela, exercia as funções de diretor, redator e ilustrador. Trata-se de um engenhoso caderninho, com folhas dobradas, costuradas à mão, escrito com caneta tinteiro e ilustrado pelo próprio autor com desenhos à mão livre, feitos com nanquim e coloridos com lápis de cor e aquarela. As histórias encontram-se organizadas em capítulos que privilegiavam o suspense, a guerra, a comédia ou ainda a ciência dos animais e do corpo humano. Nela, Julio inventou seu primeiro pseudônimo: Salomão IV. A revista ERRE - produzida sempre

¹ Sobrinho-neto de Malba Tahan.

² Neto de Malba Tahan.

nos períodos de férias que passava com a família em Queluz - teve diversas edições e foi “publicada” de Janeiro de 1907 a Novembro de 1908, havendo hoje 25 exemplares preservados em seu acervo no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp.



Figuras 1 e 2 – Julio (Mello Souza) no Colégio Pedro II e uma edição da Revista ERRE (nº15, de 1908), que exhibe o pseudônimo Salomão IV (Fotos de Pedro P. Salles no então acervo MT de Queluz)

Em 1909, Julio se transferiu para o Colégio Pedro II, em São Cristóvão, onde conseguiu obter semi-gratuidade como aluno interno. Naquela época, o Colégio Militar era pago. Por esta razão ele deixou de estudar lá. Seus pais não tinham condições de custear os estudos de todos os nove filhos.

Em outubro de 1912, Julio conseguiu seu primeiro trabalho formal: foi nomeado, pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, auxiliar da Biblioteca Nacional. No ano seguinte, iniciava o curso superior de Engenharia na antiga Escola Politécnica, da Universidade do Brasil.

Em 1914, sua família se muda para o Rio de Janeiro devido à morte de seu pai em 1911; assim, Dona Sinhá poderia acompanhar os estudos de seus filhos menores. Na oportunidade, ela fundou um externato em Copacabana (Colégio São Paulo), para prover a subsistência de seus filhos. Lá, Julio Cesar e seus irmãos trabalhavam como professores, e, por necessidade econômica, todos moravam no porão da casa do Colégio, que era amplo e habitável. Com a morte de Dona Sinhá em 1925, a escola foi assumida por suas filhas Laura e Julieta, que depois criaram o Colégio Mello e Souza.

Enquanto estudava no curso superior de Engenharia Civil e dava aulas na escola de sua mãe, Julio Cesar era aluno do curso noturno da Escola Normal do Distrito Federal, depois chamada Instituto de Educação. Em 1921, depois de uma experiência como professor de História, assumiu, na Escola Normal, o cargo de Professor Substituto do docente Euclides

Roxo, que havia inovado o ensino da matemática e de quem havia sido aluno. Dois anos depois, tornou-se professor dessa instituição por concurso público, onde lecionou durante 40 anos. Mais tarde, tornou-se seu Professor Catedrático.

Julio cria R. V. Slady

Fascinado pela literatura desde pequeno e pela força que as histórias exerciam sobre o espírito humano, Julio, então com 24 anos, foi trabalhar como *office-boy* e tradutor de correspondências de guerra no jornal *O Imparcial*, no Rio de Janeiro. Naquela época, este jornal publicava contos curtos, para serem lidos no bonde a caminho do trabalho. Certa feita, Julio entregou ao editor do jornal um conto de sua autoria, esperando que ele fosse publicado. Passados os dias, o conto permanecia sobre a mesa do editor debaixo de um chumbo de linotipo, desses que eram usados nas gráficas da época. Depois de verificar várias vezes e constatar que seu conto permanecia com o “chumbo em cima”, tomou-o de volta sorrateiramente e, onde se lia J.C. Mello e Souza, escreveu outro nome: R.V. Slady – nome que ele inventou na hora. Na entrevista ao MIS, Museu da Imagem do Som do Rio de Janeiro (1973), revelou que, ao reencontrar o editor, disse-lhe, simulando convicção:

Aqueles contos que eu trouxe eram realmente muito fracos, não valiam nada. Mas descobri um escritor americano formidável, que é muito curioso. Traduzi - graças ao auxílio de um esperantista - os contos dele, que são desconhecidos no Brasil.

No dia seguinte, a surpresa: ao passar pela banca de jornal, ficou boquiaberto ao constatar que um de seus contos – *A História dos Oito Pães* – havia sido publicado no jornal *O Imparcial*, com grifo, duas colunas e com moldura (1920). Diante deste fato, afirmou:

Eu raciocinei: Quando é JC Mello e Souza: chumbo em cima! Quando é R.V. Slady: destaque na primeira página...!?

Foi quando decidiu criar o pseudônimo Malba Tahan, que o acompanharia pelo resto da vida. Este caso foi contado por ele no depoimento feito ao Museu da Imagem e do Som e repetido ao longo de sua vida nos círculos de amigos, parentes e admiradores.

Julio cria Malba Tahan

Quando Julio Cesar de Mello e Souza cria o pseudônimo Malba Tahan, não pretendia apenas criar um pseudônimo, mas uma mistificação literária, isto é, fazer com que Malba Tahan parecesse ser o nome de um escritor real, que tivesse realmente existido. Então, para

que pudesse elaborar uma biografia de Malba Tahan e para que seus contos árabes fossem convincentes em termos de estilo, linguagem e ambientação, passou cinco anos estudando a cultura e a língua árabes com os professores Ragi Basili e Jean Achar, respectivamente. Somente em 1924 começa a publicar contos no jornal *A Noite*, sob o pseudônimo de Malba Tahan; o primeiro deles intitula-se “O Juiz”. O editor deste jornal colaborou com a mistificação literária, divulgando que os “contos do original escriptor anglo-árabe Hank Malba Tahan” seriam especialmente traduzidos e adaptados por “um de nossos colaboradores”. Esta seria a primeira vez em que o nome Malba Tahan vinha a público.

Apesar de suas intenções serem claras quanto ao pseudônimo, cabe ressaltar que o primeiro livro que publicou, *Contos de Malba Tahan* (1925a), ainda assinou com seu próprio nome, porém tendo “Malba Tahan” no título como suposto autor dos contos, como o título sugere. Para dar realismo a essa ideia, apresenta no livro uma lista das “Obras de Malba Tahan”, com datas de edição e uma descrição de cada livro, começando com “*Roba el-Khali* (1901)” – quando Julio teria apenas 6 anos de idade – e terminando com “*Martyres da Armenia* (1906)”. E ainda planta uma dúvida verossímil na cabeça do leitor ao colocar uma interrogação no lugar de uma das datas, a da fantasiosa obra *Tempo de Guerra*, atribuindo sua tradução ao escritor indiano de origem britânica, Rudyard Kipling³.

Na quarta-capa do mesmo livro, Julio acrescenta aquilo que seria a primeira das várias biografias do pseudônimo que escreveria:

Hank Malba Tahan, famoso escriptor arabe, filho do rico musulmano Salin Malba Tahan, nasceu na cidade de Mecca, quando sua família ahi se achava em peregrinação. Viveu durante doze annos em Manchester (Ingl.). Percorreu a Russia, a China, a Persia e a India. Escreveu varias obras de grande valor: "*Roba el-Khali*", "*Mil histórias sem fim...*", "*Tempo de guerra*", etc. Manteve, durante algum tempo, correspondência literária com Anatole France, Rudyard Kipling e com o notavel philologo francez Prof. Gaudefroy Demomynes. Morreu em combate (Julho de 1921), nos arredores de El-Riad, luctando pela liberdade de uma pequena tribu da Arabia Central. (Do livro *Crestomathie arabe*⁴, do Dr. A. Van Gennepe). OBS: esta referência entre parêntesis é do próprio Julio.

Na mesma capa, observam-se, dentro de uma moldura, mais detalhes que buscam legitimar a mistificação literária: “A presente tradução foi devidamente autorizada pela Casa Palmer, de Londres, que possui exclusividade das obras de Malba Tahan”.

³ Não foi sem uma sorradeira satisfação que descobrimos que, ao passar algumas semanas no Brasil, em 1927, o próprio Rudyard Kipling, indagado sobre a suposta tradução, declarou à imprensa: “O nome literário oriental de Malba Tahan é o maior *bluff* [blefe] na história da literatura universal” (1933, p.30)

⁴ “Antologia árabe”.

Além da biografia apresentada na quarta-capa de *Contos de Malba Tahan*, a seguinte epígrafe abre a introdução do livro (1925a, p.5):

"Não encontrando dados biographicos fidedignos e estudos criticos sobre a personalidade e a obra de Malba Tahan, transcrevemos a seguir um topico da chronica de W. Speedy, inserta no numero especial (Arabian Number) da "Short Stories Magazine", de Philadelphia, em maio de 1921".

Depois da epígrafe, seguem mais sete páginas de especulações literárias sobre o suposto autor, talvez as mais longas que já publicou.



Figura 3 – Julio na época em que lançou os *Contos de Malba Tahan*
(Foto: acervo da família)

Já na segunda edição do livro (1925b), Julio adota o mesmo procedimento daquele seu primeiro conto publicado no jornal: retira seu nome, mantendo apenas o pseudônimo e acrescentando abaixo do título: “Traduzidos directamente do original árabe”. Virando-se a página, vê-se a “Biographia de Malba Tahan” ao lado de uma ilustração que mostra um árabe, de turbante e longas barbas brancas, escrevendo. Nesta biografia, acrescenta outros nomes a Malba Tahan, chamando-o pela primeira vez pelo fabuloso nome de Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Hank MALBA TAHAN. Altera também seu local de nascimento, trocando Meca pela “pequenina aldeia de Malba, nas vizinhanças de Mecca”, e ainda desmente sua morte, mantendo apenas que fora “gravemente ferido”.

Em *Lendas do Deserto* (ca. 1929), acrescenta outros detalhes à biografia, inclusive a data de nascimento como sendo 6 de maio de 1885, ou seja, exatamente o mesmo dia de

nascimento de Julio Cesar de Mello e Souza, porém dez anos antes. Altera mais uma vez sua cidade de nascimento, trocando, desta vez, a aldeia de Malba pela aldeia de Muzalit:

Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Malba Tahan, famoso escriptor arabe, descendente de uma tradicional família mussulmana, nasceu no dia 6 de Maio de 1885 na aldeia Muzalit nas proximidades da antiga cidade de Meca.

Neste ponto da *biographia*, ele insere uma nota de rodapé, trazendo novas informações sobre a suposta família de Malba Tahan – inclusive seu pai, “o velho Tahan” – dando ainda mais verossimilhança à sua mistificação literária:

Malba Tahan viveu doze annos em Manchester, na Inglaterra, onde seu pae exercia a profissão de commerciante. Liquidados ahi os seus negócios, o velho Tahan mudou-se para o Cairo com sua família, continuando em terras do Egypto o mesmo rumo de prosperidade. (Cf. o livro de CHARLES DESJARDINS – La vie árabe et la société musulmane, cap. VII) OBS: a referência entre parêntesis é do próprio Julio.

Como se observa nesta nota e no final da primeira biografia, Julio coroava sua mistificação com referências de determinados livros, fazendo crer que o fato de tais informações terem sido veiculadas nestas obras não daria razão que para seus leitores duvidassem da autenticidade das informações.



Figura 4 – Malba Tahan a caráter, na década de 60

Mais adiante, a *biographia* traz à luz outros “fatos”, que permitem que se tenha uma ideia mais completa do caráter dado por Julio à personalidade de seu pseudônimo:

Fez seus primeiros estudos no Cairo e, mais tarde, transportou-se para Constantinopla, onde concluiu oficialmente o seu curso de sciencias sociaes. Datam dessa época os seus primeiros trabalhos literarios que foram publicados, em idioma turco, em diversos jornaes e revistas.

A convite de seu amigo o Emi Abd el Azziz ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante varios annos, o cargo de *quaimaquam* [prefeito] na cidade de El-Medina, tendo desempenhado as suas funções administrativas com rara intelligencia de [e] habilidade. Conseguiu, mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos e as autoridades locaes; e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada protecção aos estrangeiros illustres que visitavam os logares sagrados do Islam.

Pela morte de seu pae, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou então o cargo que exercia em El-Medina e iniciou uma longa viagem atravez de varias partes do mundo. Atravessou a China, o Japão, a Russia, grande parte da India e Europa, observando os costumes e estudando as tradições do folk-lore dos differentes povos.

Vê-se nestes exemplos a crescente elaboração da mistificação literária, que Julio constrói em torno de Malba Tahan. Sua fantasia e seus anseios de escritor transbordavam os limites da razão; o criador perdia deliberadamente o controle sobre suas criaturas, levando-nos a sonhar junto com ele sobre fantásticas obras inexistentes ou nunca publicadas, como estas que lista no livro *Lendas do Deserto* (ca. 1929), como sendo de autoria do misterioso e desconhecido Malba Tahan: *Sorr-el-layali*, *Tel-Bijerick*, *Hakaiat el-arab* e assim por diante.

Aos 43 anos de idade, quando publicou *O Homem que Calculava* (1938), conclui a dedicatória do livro com a seguinte informação: “De Bagdá, 19 da Lua de Zahagé de 1904” (data em que Julio teria 9 anos de idade). Já na segunda edição, recua essa esta data em mais de 500 anos, situando a mesma dedicatória em “Bagdá, 19 da lua de Ramadã de 1321”, abrindo a possibilidade de Malba Tahan ter nascido no século XIV ou mesmo no XIII (!)⁵. De fato, até mesmo nas dedicatórias autografadas que fazia nos livros, geralmente na página que exhibia seu ex-libris, concluía dando Bagdá como cidade local – por exemplo “Bagdá, 4 de novembro de 1959”, e assinava seu nome em árabe por meio de um carimbo.



Figura 5 – Um dos ex-libris de Malba Tahan

⁵ Se Malba Tahan tivesse 43 anos em 1321, teria nascido em 1278.

Jornais e revistas da época colaboravam com a mistificação (seja por desconhecimento, seja por conivência), omitindo o nome original do escritor e, muitas vezes, acrescentando informações à sua suposta biografia. Em uma reportagem da revista *Careta* (1951, p.6), Murillo Teixeira Barros reforça sua origem árabe, afirmando que “Malba Tahan é para a Arábia o que Hans Andersen foi para a Dinamarca e Monteiro Lobato foi para o Brasil”. Ainda especula que Malba Tahan teria fugido da Arábia para o Brasil e se naturalizado brasileiro com o nome de Julio Cesar de Mello e Souza – o pseudônimo às avessas –, assumindo a carreira de professor de matemática. A revista *Fon-Fon* (1929, p.51) declara em uma matéria, que “Malba Tahan é o famoso *conteur* arabe que melhor reflecte a psychologia de seu povo...”. Na revista infantil *O Tico-Tico* (1926, p.23), o jornalista se desculpa com uma leitora por não poder revelar o verdadeiro nome de Malba Tahan: “Quanto ao ‘caso’ de Malba Tahan, procedi assim a pedido delle, pois quer guardar o [nome] incógnito, deixemos a Lili Paulista em seu ‘engano dalma ledo e cego’ a tal respeito”. Abaixo, neste anúncio do primeiro livro, presente na mesma revista *O Tico-Tico* (1927, p.1), vê-se igual cuidado para se cultivar a mistificação, descrevendo o livro como “Adaptação da obra do famoso escriptor árabe Ali Malba Tahan”.

Para que a mistificação literária ficasse completa, ainda restava criar um tradutor, já que Malba Tahan escrevia hipoteticamente em árabe. Julio inventou então um tal Breno Alencar Bianco, tradutor fictício que passou a figurar em seus livros a partir da primeira edição de “O Homem que Calculava”, em 1938. Tudo levava o leitor a crer que Malba Tahan tivesse existido de fato. Ainda hoje, muita gente acredita que ele tenha sido realmente um árabe de longas barbas brancas e turbante. Poucos sabem que Malba Tahan – ou *Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan* – é criação de um brasileiro, chamado Julio.

Julio, através de Malba Tahan e Beremiz

Analisando estas correlações que se estabeleciam entre criador e criatura, entendemos que Julio Cesar se faz presente através de Malba Tahan, visando atingir determinados objetivos literários, mas também outros de cunho humanista, moral e social. Ao longo de sua vida, ele travou combates que ainda hoje nos parecem presentes. Um deles era ao denominado algebrismo, que descrevia como “...um inimigo roaz⁶ e pernicioso; um inimigo que é para a Matemática como a broca para o café, a lagarta para o algodão e a saúva para todo o Brasil”.

⁶ Que rói; destruidor.

Por essa razão, Julio publicou livros de divulgação científica, tais como *Matemática Divertida e Pitoresca* (1941), *Diabruras da Matemática* (1943), *As Grandes Fantasias da Matemática* (1945), entre outros, que pudessem tornar a matemática acessível e prazerosa a todos.

Outro de seus combates se traduz na figura de Beremiz, o homem que calculava. Ao criá-lo, Julio cria um personagem semelhante a tantos homens sábios e que dominam os cálculos apesar de não terem frequentado os bancos escolares. Além disso, Beremiz tem princípios morais rígidos: ele se recusava a fazer qualquer cálculo cujo resultado pudesse promover a guerra, a fome, a morte ou qualquer forma de injustiça. Assim, a obra de Malba Tahan, além de tratar a matemática de forma lúdica e divertida, introduz, sistematicamente, valores morais e éticos que transcendem o tempo e o espaço. Beremiz é o porta-voz destes valores, um homem simples, que dá aulas de matemática e de moral aos leitores e àqueles que ocupam o poder.

Nesse triângulo de relações entre criador e criatura, Julio cria Malba Tahan, e Malba Tahan cria Beremiz. Desse modo, Beremiz era, para Malba Tahan, o que Malba Tahan era para Julio Cesar de Mello e Souza: um veículo dos conhecimentos que mediam relações humanas.

Julio, Malba Tahan e seu legado

Julio Cesar de Mello e Souza pode ser considerado um dos pioneiros da etnomatemática no Brasil. Essa área do conhecimento surgiu no âmbito da antropologia e veio como uma resposta à necessidade de um entendimento da matemática em diferentes contextos, povos e culturas. Diversas formas de calcular e de aplicar a matemática às necessidades do dia a dia têm sido desconsideradas por serem restritas às tradições orais e por não se enquadrarem em uma matemática hegemônica, tida como oficial. Grupos sociais diferenciados praticam matemáticas igualmente diferenciadas; pensam e agem matematicamente de maneira própria e singular, singularidade que ele respeitava e admirava.

Julio tinha um vivo interesse pela matemática das ruas, da roça, dos mercados, das diferentes culturas e épocas, e passou a coletar informações desse teor, que publicava em suas colunas de jornal e em seus livros, além de obras inéditas, como o *Dicionário Curioso de Pesos e Medidas*. Essa perspectiva da etnomatemática se concretizou de forma mais contundente em cinco de suas obras: *Meu Anel de Sete Pedras* (1955), que apresenta um panorama etnomatemático por meio de versos de tradição popular que coletava; *Folclore da Matemática* (1954) – depois publicado como *Os Números Governam o Mundo* (1965) – em

que procura compreender os significados dados aos números, desde o zero até o infinito, nas diferentes culturas e épocas; *Numerologia* (1969), em que analisa a ciência dos arcanos numerológicos de predição do destino, e *O Jogo do Bicho à Luz da Matemática*, seu último livro, publicado postumamente no ano sua morte, em 1974.

Assim sendo, seu legado agrega os saberes do homem comum, alargando a visão de matemática e de ciência. De certo modo, sua obra como um todo também cumpre com esse objetivo, o que o levou inclusive a ser conhecido como um dos grandes popularizadores da matemática e da própria literatura árabe no Brasil. Uma medida da força e da abrangência desta popularização é o recorte de jornal encontrado em seus arquivos, vindo das páginas policiais de um jornal, que narra a prisão de um ladrão de bicicletas. Nele, o ladrão, ao ser preso em flagrante e já tendo roubado quase duas mil bicicletas, declara à reportagem que queria “uma cela só para ele, com seus 20 livros de Malba Tahan”. Ainda conclui dizendo o seguinte: “Já li e reli Malba Tahan umas trinta vezes!” (1966, p.18).

Logo depois de publicar seu primeiro livro, em 1925, e de ganhar certa notoriedade, começa a expandir seu público através de diversos meios com os quais passa a colaborar, escrevendo contos árabes e outras histórias infanto-juvenis e divulgando seus livros e palestras. Atua com inteligência na gerência dessa campanha, publicando em mídias diferenciadas, como jornais, suplementos infantis, revistas infantis, revistas juvenis, revistas femininas, na indústria fonográfica⁷ e até mesmo no rádio, onde teve aparições frequentes, principalmente contando histórias. Mais tarde também passa a escrever colunas de curiosidades matemáticas e desafios, aparecendo também em reportagens e entrevistas que difundiam sua obra e seu pensamento. Com vistas a ampliar ainda mais o alcance de suas propostas, cria três revistas ao longo de sua carreira: *Al-Karismi* (1946-1951), *Lilaváti* (1957) e *Damião* (1951-1963). Suas qualidades como escritor, somadas a essa difusão intensa e perspicaz, permitiram que Malba Tahan ampliasse seu público a outras esferas, atingindo em pouco tempo um número enorme de leitores de todas as idades e âmbitos.

O objetivo deste artigo foi compreender como foi construído o pseudônimo de Julio Cesar de Mello e Souza – Malba Tahan – e de que maneira a mistificação literária, elaborada em torno do pseudônimo, ajudou a constituir sua obra, que transita entre a divulgação científica, a didática da matemática e a literatura oriental. Buscou-se elucidar de que maneira o caráter literário, humanista e lúdico de sua abordagem, movido pela mística do pseudônimo,

⁷ Gravou pelo menos um LP, que se tenha notícia, intitulado *Contos Infantis de Malba Tahan*, pela Columbia Records, da série Malba Tahan, apresentando o autor contando “Papae do Céu e a Girafa” e “O Rei que tinha uma cara engraçada”, acompanhado por um quarteto de cordas infantil (1932).

levou sua obra a uma difusão extraordinária e seu livro *O Homem que Calculava* à condição de *bestseller*, consagrando-o como escritor e como educador matemático. Defendemos a idéia de que Julio Cesar de Mello e Souza criou Malba Tahan para que este escrevesse seus livros; e que Malba Tahan criou Beremiz para que este – no âmbito da literatura – pudesse “pôr em prática” sua concepção matemática, aplicando-a às situações de vida. Essa linha que vai de Julio até Beremiz, passando por Malba Tahan, não é uma linha de distanciamento crescente desde o real até a fantasia; mas parece ser exatamente o contrário: Julio César é que é a fantasia – que se distancia da realidade de sua obra – ocultando-se habilmente atrás de todas essas camadas de imaginação, que levam o leitor a acreditar serem a mais pura e genuína realidade.

Referências

- BARROS, M. Teixeira. Malba Tahan. *Careta*, Rio de Janeiro, 4 set. 1954, n.2410, ano 47, p.6-7
- FON-FON. As Mil Histórias sem Fim de Malba Tahan. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 23, n.8, 23 fev. 1929, p.51.
- MARINHO, Irineu (Dir.). Contos de mil e uma “Noites” – as histórias e lendas de Malba Tahan. *A Noite*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1924, ano 14, n.4501, p.1 (capa) Chamada para o primeiro conto com o pseudônimo Malba Tahan.
- MELLO E SOUZA, João Batista de. *Meninos de Queluz* - crônica de saudade. 1ª ed. Rio: Aurora, 1949.
- MELLO E SOUZA, Julio C. de (Org.). *Contos de Malba Tahan*. 1ª ed. Rio: Ed. Brasileira Lux, 1925a.
- _____. *Dicionário Curioso de Pesos e Medidas*. Manuscrito inédito. Atualmente no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp, [S.d.].
- _____. *Revista ERRE*. Queluz - SP, 1907 a 1909, [Manuscrito], 25 v., Em alguns volumes consta o pseudônimo Salomão IV.
- MELLO E SOUZA, Prof. *Didática da matemática* - 1ª ed. Rio: Aurora, 1957
- _____. *Folclore da Matemática: lendas, histórias e curiosidades*. 1ª ed. Rio: Conquista, 1954.
- _____. *Meu Anel de Sete Pedras: cintilações curiosas da matemática*. 1ª ed. Rio: Conquista, 1955.
- MELLO E SOUZA. *As Grandes Fantasia da Matemática*, 1ª ed. Rio: Getúlio Costa, 1945.
- _____. *Diabruras da Matemática*, 1ª ed. Rio: Getúlio Costa, 1943.
- _____. *Matemática Divertida e Pitoresca*, 1ª ed. Rio: Getulio Costa, 1941.
- MESQUITA FILHO, Julio de (Ed.). Roubou duas mil bicicletas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1966, ano 87, n.28100, p.18.
- O MALHO (Ed.). *O Tico-Tico*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 1.122, 06 abr. 1927, p.1.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Depoimento gravado, *MIS – Museu da Imagem e do Som*, Rio de Janeiro, 15 abr. 1973.

Disponível em: <www.malbatahan.com.br/ouca.php>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SLADY, R. V. A História dos Oito Pães, *O Imparcial*, Rio de Janeiro, domingo, 30 mai. 1920, coluna Conto d'O Imparcial, ano 10, n.1501, p.10.

TAHAN, Malba. *Al-Karismi*. Revista de divulgação matemática. Rio de Janeiro: Getúlio Costa (n.1 e 2), Aurora (n.3-7), Ao Livro Técnico (n.8), 1946-1951.

_____ *Contos de Malba Tahan*. 2ª ed. Rio: [s.n.], 1925b.

_____ (Dir.) Revista *Damião*, Rio, n.1, 1951 (revista bimestral editada até 1963).

_____ *Lendas do Deserto*. 1ª ed. Rio: Livraria Azevedo, ca. 1929.

_____ *Lilaváti*. Revista de divulgação matemática. Número único. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1957.

_____ *Mil Histórias sem Fim*. 1ª ed. Vol I. Rio: Freitas Bastos, 1931.

_____ *Numerologia*, 1ª ed. Rio: Gráfica Record Editora, 1969.

_____ *O Homem que Calculava*. 1ª ed. Rio: ABC, 1938.

_____ *O Jogo do Bicho à luz da matemática*, (1ª ed. póstuma) Curitiba: Grafipar, 1975.

_____ O Juiz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1924, coluna Contos de mil e uma “Noites”, ano 14, n.4514, p.1 (capa).